

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SOB A LENTE DOS DOCENTES: INVESTIGANDO CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

*THE EDUCATION OF YOUTHS AND ADULTS THROUGH THE LENS OF TEACHERS:
INVESTIGATING CONCEPTIONS AND PRACTICES*

Robson de Cássio Santos Dourado

Secretaria Municipal de Educação de Tanhaçu, Tanhaçu, BA, Brasil

Joyce Priscila Vitor dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Euclides da Cunha, BA, Brasil

Fábio Américo Reis Santos

Secretaria Estadual de Educação da Bahia, BA, Brasil

Ivonete da Silva Pires Alves

Secretaria Municipal de Educação de Tanhaçu, BA, Brasil

Antônio Amorim

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v26i2.1813> Recebido em: 25.05.2024 Aceito em: 26.07.2024

Resumo: O presente estudo trata sobre as concepções de professores sobre a EJA. Foi desenvolvido a partir da indagação: qual a concepção dos professores do Centro Educacional Suçuarana sobre a Educação de Jovens e Adultos? Assim, este artigo propõe investigar a compreensão que os professores tem sobre a Educação de Jovens e Adultos. Esse trabalho é sustentado pela abordagem qualitativa, quanto aos procedimentos técnicos, essa é uma pesquisa de campo, utilizando a entrevista semiestrutura para coleta de informações. Foram seis professores os sujeitos da pesquisa, pertencentes ao Centro Educacional de Suçuarana, situado no Município de Tanhaçu-Bahia. O estudo evidenciou que os professores trazem consigo a noção crítica relativo à importância da EJA, expondo sua vinculação para a cidadania, mundo do trabalho e processo de escolarização. Para além, expõem as características que devem levar em consideração para potencializar o ensino e aprendizagem na modalidade, além de reconhecer principalmente na evasão um aspecto que dificulta a aquisição de processos cognitivos na modalidade. Ademais, os colaboradores reconhecem que o currículo desenvolvido na EJA ainda não contempla o aspecto formativo do estudante jovem e adulto.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Concepções. Professores.

Abstract: This study deals with teachers' conceptions of Youth and Adult Education (YAE). It was developed based on the question: What is the conception of teachers at the Suçuarana Educational Center about YAE? This article aims to investigate teachers' understanding of YAE. This work is based on a qualitative approach. In terms of technical procedures, this



is a field study, using semi-structured interviews to collect information. Six teachers were the subjects of the research, all belonging to the Suçuarana Educational Center, located in the municipality of Tanhaçu-Bahia. The study showed that the teachers bring with them a critical notion of the importance of the YAE, exposing its link to citizenship, the world of work and the schooling process. In addition, they point out the characteristics they need to take into consideration in order to enhance teaching and learning in the modality, as well as recognizing that dropout is an aspect that hinders the acquisition of cognitive processes in the modality. Furthermore, the contributors recognize that the curriculum developed for YAE still does not adequately address the formative needs of young and adult students.

Keywords: Youth and Adult Education. Conceptions. Teachers.

1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos tem sido objeto de incansáveis discussões, quer seja pelo seu caráter inerente a cidadania, quer pelo desmonte que sofre na contemporaneidade, ou pela resistência que demonstra, apesar de ser intitulada como frágil. Desse modo, a EJA é entendida como um mecanismo educativo que oportuniza o processo de escolarização formal aos sujeitos jovens, adultos e idosos, que por demandas sociais, políticas e históricas tiveram seu direito a educação negado em um ou vários momentos de sua vida. No que refere-se ao Brasil, a Educação de Jovens e Adultos sempre foi considerada como uma modalidade educativa tida como opção para os marginalizados, de caráter meramente assistencialista.

No entanto, essa situação tem tido um processo de reversão nas últimas décadas em todo o mundo, quer seja pelo amparo de legislações, e pela necessidade de conceber uma educação de qualidade para aqueles que atuam ou irão atuar no mundo do trabalho. Porém, é necessário pontuar que galgar tal conquista não significa dizer que a EJA encontra-se em uma posição privilegiada em relação a outras modalidades educativas, muito ainda precisa ser conquistado. Convém salientar que a EJA tem suas raízes na educação popular, e é fruto sobretudo de lutas dos movimentos sociais, ações governamentais específicas para garantir assim o direito a educação de qualidade e aos processos inclusivos que é ofertado por meio desse mecanismo. Para além, o professor inscrito na modalidade educacional precisa ter o entendimento que a EJA é uma modalidade com especificidades pedagógicas múltiplas, devendo desconstruir conceitos, e construir caminhos para o entendimento e execução de pedagogias inclusivas no âmbito da modalidade.

Assim, buscando maior entendimento sobre a EJA na escola noturna, esse estudo parte da seguinte indagação: qual a concepção dos professores do Centro Educacional Suçuarana sobre a Educação de Jovens e Adultos? Mediante esse aspecto, o estudo se desenvolveu a partir do seguinte objetivo norteador: investigar a concepção que os professores tem sobre a Educação de Jovens e Adultos no Centro Educacional de Suçuarana.

O estudo está organizado por esta introdução em que é evidenciado o problema e o objetivo da pesquisa. Na sequência, oportuniza-se uma reflexão teórica sobre a EJA. Em seguida, o tópico do percurso metodológico esclarece os aspectos utilizados para desenvolvimento da pesquisa, além de apresentar os sujeitos que deram corpo a este estudo. Logo após, apresentamos as concepções expressas pelos professores relativo a EJA no Centro Educacional de Suçuarana em

Tanhaçu -Bahia. Por fim, redimensionamos às considerações e encaminhamentos que obtivemos do processo de investigação com os professores.

2 Entendendo mais sobre a educação de jovens e adultos

Na atualidade, observa-se que as esferas federais, estaduais e municipais procuram garantir o direito à educação aos jovens, adultos e idosos, que por algum fator não tiveram acesso ao processo de escolarização, na tentativa de garantir o atendimento às especificidades educacionais. Porém, as críticas construtivas atuais relativas à modalidade educacional são diversas e permeiam no campo do atendimento, permanência, recursos didáticos, faltando ao poder público garantir a assistência como é previsto na constituição (Martins, et al., 2008).

De acordo com os pensamentos disseminados por Oliveira (1999), o tempo geracional dos sujeitos que estão matriculados na EJA é muito diversificado, percorrendo desde os 15 até mais de 100 anos de idade. O fenômeno de adolescentes ocupando a modalidade deve-se pela garantia da Resolução nº 3/2010, em que versa pelo atendimento de indivíduos dos 15 aos 17 anos de idade, garantindo a utilização de instrumentos específicos para considerar suas potencialidades, necessidades, cultura e mundo do trabalho em que estão imersos (Brasil, 2010). Porém, é importante destacar que garantir o atendimento não significa promover a permanência desses no contexto da escola, pois o processo cíclico de expulsão das séries regulares para a EJA acaba por ocasionar, ou potencializar demandas específicas, como o maior índice de evasão, reprovação, dentre outras peculiaridades que necessitam ser pensadas para garantir uma educação de qualidade e fugir do clichê de recuperar a idade perdida.

Para Lopes (2005), outra condição que deve ser levada em conta no contexto educacional é o trabalho, subemprego e desemprego. Neste sentido,

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre outras pessoas (Oliveira, 1999, p. 03).

O reconhecimento do aluno também perpassa pelo lugar que ocupa enquanto sujeito no mundo do trabalho. Assim, Lopes (2005) acrescenta que o jovem e adulto convive diariamente com seu desprestígio do mercado capitalista. É importante destacar que a educação enquanto mecanismo construtor de possibilidades sociais eleja práticas pautadas na condição do trabalhador e coopere para inserção ou aprimoramento dos sujeitos no mundo do trabalho, de forma crítica-construtiva, fazendo os sujeitos refletirem sobre o sistema capitalista e as realidades históricas, culturais e sociais produzidas, além de fazer o aluno enxergar-se dentro desse sistema, buscando possibilidades de mudanças, inclusive crítica.

É importante assinalar que o percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos é encarado como sendo um campo de lutas e embates pelo atendimento às especificidades educacionais. Sobre esse aspecto,

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com aqueles que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela e tenha sido à força do trabalho empregado na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser

privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (Brasil, 2000, p.5).

É importante destacar que os Jovens e Adultos têm histórias coletivas implicadas na negação de direitos, e estão envoltos pela marginalização e exclusão social. Nesse intuito, a EJA poderá versar pela afirmação dos direitos sociais que foram historicamente negados. Arroyo (2007) disserta que é urgente a quitação dessa dívida, sendo obrigação do meio social amparado pelo Estado modificar as realidades dos sujeitos inseridos na modalidade educacional. Para além, Paiva (2007) acresce que é imprescindível o rompimento da imagem de que a EJA é a recomposição do tempo perdido. O desafio para a atualidade é conseguir a conjugação de uma educação científico-tecnológica que fomenta para a cidadania.

No sentido de suscitar maiores discussões relativas ao atendimento dos jovens e adultos e da responsabilidade social da educação:

Quando a escola pública era para poucos, era boa só para esses poucos. Agora que é de todos, principalmente para os mais pobres, ela precisa ser apropriada para esse novo público, ela deve ser de qualidade sociocultural. Isso significa investir nas condições que possibilitam essa nova qualidade que inclui transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer. Não basta matricular os pobres na escola (inclusão). É preciso matricular com eles, também, a sua cultura, os seus desejos, seus sonhos, a vontade de ser mais (FREIRE). É preciso matricular o projeto de vida desses novos alunos numa perspectiva ética, estética e ecopedagógica. A educação integral precisa visar à qualidade sociocultural da educação, que é sinônimo de qualidade integral (Gadotti, 2010, p.09).

Ao pensar que a Educação de Jovens e Adultos é destinada a dar conta de um público diverso que emergiu majoritariamente de camadas populares, há de se pensar nas especificidades da EJA e a sua consequente valorização e atendimento.

Para Oliveira (2001), ao lidar com o público jovem e adulto, é essencial saber que sobre suas especificidades. São indivíduos, jovens, adultos e idosos que emergem outras pedagogias, pois são oriundos de características socioculturais desfavorecidas, têm pouco ou nenhum letramento, sobretudo, enxergam na escola projetos comuns de vida. Ainda, complementa que os jovens e adultos trazem suas vivências dos espaços sociais e sobretudo do trabalho, sendo assim por meio desse trânsito de informações, é possível ampliar a concepção de mundo vislumbrando interações didáticas.

As demandas que chamam mais atenção no âmbito da modalidade giram em torno da carência de integração entre teoria e prática; fragmentação do saber no momento da difusão do conhecimento; descontextualização do conhecimento frente aos anseios do público alvo. Além disso, percebe-se a necessidade (de formalização, adequação ou transformação) de práticas escolares que respeitem as características de flexibilidade e diversidade cultural dentro da EJA. Diante desse aspecto, e na intenção de provocar maiores potencialidades reflexivas, é importante destacar que:

Currículos, programas, métodos de ensino, foram originalmente pensados para crianças e adolescentes que percorreriam o caminho da escolaridade de forma regular [...]. Altos índices de evasão e repetência nos programas de educação de jovens e adultos indicam falta de sintonia entre a escola e os alunos que dela se servem (Oliveira, 1999, p. 5).

É preciso pontuar que os grupos sociais e sua bagagem cultural, muitas vezes obtida na informalidade, nem sempre são transversalizados para o contexto da sala de aula, e a valorização das especificidades educacionais sustenta relação professor e aluno, e conseqüentemente a aprendizagem. Para que os alunos se sintam confortáveis, e consigam almejar as capacidades cognitivas e outras, é indispensável considerar três aspectos: a condição de membros de grupos sociais diversos, a condição de não-criança, e por fim, a condição de exclusão escolar.

No intuito de reforçar o reconhecimento a diversidade presente na EJA, a interculturalidade pode ser pensada para que os ambientes de saberes formais potencializem processos didáticos-pedagógicos, instituindo uma cultura de direito, além, de uma participação que vise a democracia no processo de aprendizagem. Nesses moldes, falar em interculturalidade, é primeiramente propor um mecanismo de inclusão já que:

A EJA, em síntese, trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero, entre outros. Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores informais são emblemáticos representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, excludente, promove para grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente (Brasil, 2007a, p. 11).

A diversidade de sujeitos na EJA explicita o pensamento da legitimidade e a necessidade de reafirmar em meio a tantas precarizações o lugar de pertencimento e demarcação dentro do espaço escolar. Relativo à demanda dos aspectos didáticos e curriculares, há a necessidade de uma prática pedagógica diferenciada e que leve em consideração as especificidades desses sujeitos. Neste sentido, Amorim e outros (2012) interpõem que devemos saber a quem o ensino serve, no sentido de repensar as práticas e concepções que compreendem verdadeiramente a opção curricular.

É importante retratar que a multiplicidade de pessoas jovens e adultas que frequentam a escola apresentam especificidades muito próprias, e que devem ser trabalhadas inclusive no processo de acolhimento na unidade escolar. Assim,

Não poderíamos deixar de tratar aqui sobre a questão da diversidade. O tema da diversidade é um tema posto na nossa sociedade com especial destaque em décadas recentes. Diversidade de gênero, de raça, de território, a diversidade. Diversidade que se converteu em diferenças e em desigualdades. Hoje os movimentos sociais trazem uma marca, a marca de afirmar os coletivos diversos. De defender a diversidade, de não querer anular suas diversidades em políticas de integração, em espaços amorfos, sem rosto, sem cor (Arroyo, 2007.p.18).

É indispensável que haja a discussão da diversidade como eixo norteador quando se propõe a estudar a EJA e suas especificidades, a partir de olhares reflexivos e pressupostos democráticos.

3 Percorso metodológico

Com a intenção de alcançar o objetivo proposto para essa pesquisa, foi utilizada abordagem qualitativa, pois essa configura-se como aporte metodológico que leva em conta a produção dos conhecimentos, para aplicação no meio social pesquisado (Barros e Lehfeld, 2000). No intuito de potencializar os aportes teóricos,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa,

nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p.21).

A abordagem qualitativa encarrega-se de descrever com exatidão fatos e fenômenos sociais, buscando o seu entendimento holístico. O pesquisador que opta pela abordagem em questão, tem a real intencionalidade de conhecer uma determinada realidade, sua cultura, valores e por menores. Para além, é importante pontuar que a abordagem expressa a compressão que o outro atribui a determinada situação.

A fim de atender a especificidade do método, foi desenvolvida uma pesquisa de campo. Assim, configura-se como tipo de pesquisa que busca a informação em *locus*. Mediante esse aspecto, Gonçalves (2001) ressalta que a pesquisa de campo exige do pesquisador grande fôlego pela necessidade do encontro direto com a população pesquisada, além de reunir informações e fatos para documentar a problemática que deseja responder.

A fim de alcançar o objetivo do estudo foram realizadas as entrevistas individuais semiestruturadas com seis professores inscritos na modalidade de ensino. Relativo à entrevista, Triviños (1987), interpõe que favorece além da descrição dos fenômenos sociais, o direcionando para a sua explicação, possibilitando a compreensão da totalidade, pois conta com a presença física do pesquisador na coleta de informações.

Participaram desse estudo seis professores que atuam diretamente na EJA do Centro Educacional Suçuarana.

4 Resultados e discussão

As informações expressas a seguir demonstram a riqueza de detalhes da pesquisa realizada com os professores da EJA, para além, o cuidado pelo olhar do pesquisador em retratar os achados. No intuito de preservar a identidade, os professores foram caracterizados pela letra P, e enumerados de 1 a 6.

Os colaboradores da pesquisa inicialmente foram indagados sobre a importância da Educação de Jovens e Adultos. O sujeito coletivo entende que a importância da modalidade é vinculada com duas dimensões: escolarização e trabalho. Emergiram respostas que foram organizadas nas dimensões abaixo.

Quadro 01: Concepções sobre a importância da EJA

Questionamento 01	Visões dos entrevistados	Dimensão
Importância da EJA	<ul style="list-style-type: none">- A importância da EJA pra mim é dá oportunidade aqueles que não tiveram oportunidade de estudar na idade certa permitindo a eles retornar aos estudos de onde pararam (P4).- A Educação de Jovens e Adultos revela-se como uma importante ferramenta de inclusão social. Responsável sobre a ampliação do campo de oportunidade ao educando (P6).	Escolarização
	<ul style="list-style-type: none">- Temos no Brasil milhões de analfabetos e grande índice de evasão escolar. A EJA é assegurada pelas diretrizes educacionais e pela legislação, oportuniza educação para aqueles que não tiveram oportunidade ou que tiveram que evadir por alguma necessidade, além disso, dá a possibilidade de associar o trabalho com o estudo (P1).- A EJA é muito importante para aqueles que não conseguiram se formar na idade apropriada e também para aqueles que precisam trabalhar durante o dia e poder estudar e concluir seus estudos (P2).- A EJA é importante para os adultos que não tiveram a oportunidade de estudar e para os jovens que trabalham ao dia e estudam durante a noite (P3).- Inserir o jovem e adulto em uma sociedade onde a exigência por uma melhor capacitação se faz mais visível a cada dia. Formar um cidadão crítico e consciente de seus atos (P5).	Escolarização/ Trabalho

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Relativo ao questionamento, dois professores reconhecem que a importância da Educação de Jovens e Adultos vincula-se ao processo de escolarização, ou seja, a volta dos sujeitos às escolas noturnas. Já para quatro professores a importância da EJA é relacionado ao processo de escolarização e também ao trabalho. Foi perceptível na fala dos sujeitos professores que muitos alunos retornam ao ambiente escolar na esperança de conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho. Relativo a dimensão trabalho, Paiva (2001) infere que homens e mulheres que estão admitidos ou desempregados, devem se enquadrar diante as exigências do mercado profissional, ou seja, procurar processos de qualificação, ou estarão fadados a ocuparem lugares de exclusão permanente. Segundo Freire (1994) no que tange ao processo de escolarização, é necessário pensar a construção de saberes formais baseado na prática da liberdade, em outras palavras, pensar um processo educacional holístico, não alienante, não bancário, que promova uma educação para a vida, e sobretudo retire o sujeito da função de oprimido, para além, rompa o processo opressor-oprimido, pois de fato a educação é um fenômeno libertador.

Em seguida, os professores foram questionados sobre quais os fatores que devem ser levados em consideração no processo de ensino e aprendizagem na EJA. O sujeito coletivo expressou opiniões diversificadas quanto ao fato questionado. Segue abaixo, na íntegra a transcrição das informações evidenciadas pelos colaboradores.

O tempo de aprendizagem e de realização das atividades. O desenvolvimento do letramento e da autoestima para que possam crer no seu potencial (P1).

A cultura local, o conhecimento prévio dos alunos e a dificuldade daqueles alunos que necessitam de uma visão mais ampla do professor (P2).

A idade série, o interesse e a deficiência na aprendizagem (P3).

Professores que não tem formação para ensinar na EJA, professores que não conhece ou conheceu a cultura de cada um (P4).

Bagagem do aluno, seu histórico de vida, os conhecimentos que podem ser compartilhados, o saber que se percebe que se precisa adquirir (P5).

As trajetórias de vida, destino e metas a serem objetivadas (P6).

Os sujeitos expressam que o processo de ensino e aprendizagem na EJA pode ser potencializado ao observarem questões como: tempo de aprendizagem, autoestima, a cultura local, conhecimento prévio, a própria formação do professor, e as trajetórias do jovem e adulto. Relativo ao aspecto conhecimento prévio:

À medida que o educador vai relacionando os saberes trazidos pelos educandos com os saberes escolares, o educando vai aumentando sua autoestima, participando mais ativamente do processo. Com isso melhora também a sua participação na sociedade, pois assume um maior protagonismo agindo como sujeito no processo de transformação social” (Feitosa, 1999, p.43).

Quando remete-se ao processo de ensino e aprendizagem é importante pontuar que o aluno nutre em sua imaginação uma expectativa cognitiva mediante o cenário escolar. No entanto, espera muito mais que aprendizagens e letramento, compreende a necessidade da autonomia, inclusão, e possibilidades outras, que o retire de uma situação de marginalidade social.

Posteriormente, os entrevistados foram questionados sobre os fatores que dificultam a aprendizagem. Segue abaixo a nuvem de palavras:



Fonte: Elaboração própria, 2019.

As dimensões expressas pelos colaboradores foram onze: falta de livro didático, material didático, cansaço, transporte, evasão, analfabetismo, indisciplina, desinteresse, ausência de tempo para os estudos, em razão geralmente por terem trabalho ou família, ausência de autoestima, e a indisciplina. Os professores também foram enfáticos ao pontuar a questão da dificuldade de escrita e leitura, que segundo eles é nada mais que o analfabetismo. De acordo Oliveira (2007) cerca de metade da população brasileira é constituída de pessoas analfabetas, especificamente pessoas com faixa etária com mais de 40 anos de idade.

É importante ressaltar que os números demonstram muitas das vezes, pessoas que são excluídas e que tiveram o direito a educação em algum momento da sua vida negado, pois o fato de vigorar em lei o acesso à educação, não impede que jovens e adultos sejam expulsos cotidianamente da escola, dessa forma não tendo possibilidade do letramento. Para além, segundo Lins (2008) o analfabetismo é considerado por muitos como uma patologia a ser exterminada dos sujeitos que a possui. Os sujeitos que são analfabetos na maioria das vezes encontram barreiras para exercer sua cidadania e são podados de atos simples em seu cotidiano. Das dimensões citadas, a que sobressaiu foi a evasão, sendo citada por 50% dos colaboradores.

Relativo às dimensões apresentadas, Santos (2003) ressalta que dentre os pontos que são críticos na EJA estão: baixa estima, trajetória marcada por constrangimentos, jornada de trabalho pesada e ausência de tempo, corroborando assim com o que foi citado pelos colaboradores. Na intenção de promover maiores reflexões, sobre o dado mais representativo da pesquisa, é importante afirmar que a evasão configura-se como um fenômeno que vem despertando a curiosidade de pesquisadores imbuídos na pesquisa em Educação de Jovens e Adultos. Nesse viés, segundo Azevedo (2011) o problema da evasão no país tem sido um desafio muito significativo nos estabelecimentos públicos de ensino, além de estarem ligados as seguintes causas: econômica, cultural, política além da prática retrógrada de muitos professores que acabam por potencializar as estatísticas.

Por último, os seis entrevistados foram convidados a refletir sobre o currículo desenvolvido na EJA e seu aspecto formativo. Desse modo, 100% dos colaboradores foram enfáticos em ressaltar que o currículo desenvolvido na modalidade não dá conta de contemplar a formação holística preconizada para o sujeito inscrito na modalidade de ensino. Mediante esse aspecto, Apple (2002) infere que o currículo que aparece em livros didáticos, e ou em quaisquer outro instrumento pedagógico não é formatado como um conjunto neutro de conhecimentos. É importante pontuar e refletir que o currículo sempre é fruto de uma tradição que é seletiva, evidenciando algum grupo ou conhecimento. Nesse contexto, o currículo configura-se como um território em disputa, que não visa o favorecimento dos passageiros da noite.

5 Considerações finais

A educação de adultos necessita de professores que entendam o sentido social, histórico e político da modalidade e tome por base o reconhecimento do sujeito a partir dessas dimensões. É preciso conceber a modalidade por um viés de educação qualitativamente diferente, que reconheça

ao longo da vida o direito inalienável de todos terem acesso ao processo de escolarização formal. O estudo realizado com os professores inscritos na EJA trouxe informações que expressam concepções alinhadas de acordo com as diretrizes que direcionam o desenvolvimento da EJA nos estabelecimento escolar. Foram analisadas questões densas e escutas sensíveis que sustentaram e deram direcionamentos para responder a problemática exposta e cumprir o objetivo expresso.

É importante pontuar que dos seis professores pesquisados, quatro tem curso de curta duração “Gestão da aprendizagem em sala de aula da EJA” disponibilizado pelo Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos- MPEJA, podendo tal aspecto inferir diretamente no processo formativo dos professores e também em suas respostas frente aos questionamentos. É importante destacar que os docentes entendem a importância da EJA e remetem ao processo de escolarização, ao mundo do trabalho e a cidadania. Para além, os sujeitos entrevistados expuseram diversos motivos que contribuem para dificultar o processo de ensino e aprendizagem, sendo a evasão a dimensão que obteve maior frequência. Para além, é importante ressaltar que os professores entendem a importância dos conhecimentos prévios que os sujeitos trazem consigo para a escola, e funcionam na ancoragem do conhecimento no contexto da sala de aula, porém o currículo não tem dado conta de sustentar uma formação holística da sujeito da EJA.

Referências

AMORIM, M. G. R. de; RIBEIRO, N. N. A. MOURA, T. M. de M. A especificidade curricular na Educação de Jovens e Adultos: Ainda um desafio. **Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 21, n. 37, p. 109-116, jan-jun.2012.

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARROYO, M. G. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens adultos populares? In: **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e adultos**, v. 1, n. 0, p. 01-108, ago. 2007 NEJA-FaE-UFMG. Belo Horizonte. Agosto de 2007.

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. **Causas e consequências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal Expedito Alves** (2011). Disponível em: http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a4_v2/. Acesso: 13 set 2019.

BARROS, A. J. S. e LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica**. 2 Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). Parecer n.º 11/2000, de 07 de junho de 2000. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Documento Base. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Ensino Médio**. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Resolução n.º 3, de 15 de junho de 2010. Brasília. Disponível em: <http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao032010cne.pdf>. Acesso em 15 Nov. 2017.

- FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GADOTTI, M. **Qualidade na educação: uma nova abordagem**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.
- LINS, Maria José de Faria. **Alfabetização de jovens e adultos: com a palavra os alfabetizados na Rua da Resistência no Bairro da Paz, em Salvador-Bahia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania). Salvador: UCSAL, 2008.
- LOPES, M.G. R. de A. **A especificidade do trabalho do professor de Educação de Jovens e Adultos**. 29ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2005.
- MARTINS, A. B; COSTA, C. S; LEITE, S. F. Desafios da Formação de Professores da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Educação em Destaque**. Vol. 01, n. 01, abril de 2008. Disponível em: <http://www.cmjf.com.br/revista/materiais/1209993852.pdf>. Acesso em: 26 set 2019.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, p. 59-73, set/dez, 1999.
- OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, V. M (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. São Paulo: Mercado de Letras. 2001. 224 p.
- OLIVEIRA, Maria Olívia de Matos. **Educação de jovens e adultos na Bahia: pesquisa e realidade**. Salvador: Quarteto, 2007.
- PAIVA, Jane. OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Organização do trabalho pedagógico na educação de jovens e adultos: módulo integrado IV**. Brasília: SESI, 2001.
- PAIVA, J. Direito à Educação de Jovens e Adultos: concepções e sentidos. In: Reunião Anual da ANPED, 209., 2007, Caxambu. **Anais**. Caxambu, MG: ANPED, 2007. Disponível em: <<http://www.Anped.org.br>>. Acesso em 25 ago. 2017.
- SANTOS, Geovania Lúcia dos. Quando adultos voltam para a escola: o delicado equilíbrio para obter êxito na tentativa de elevação da escolaridade. In: SOARES, Leôncio (org.). **Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 11-38.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.